



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/hidrocartografia/>

Hidrocartografia – modos de cartografar *com* as águas[1]

Cristina T. Ribas[2]

Paul Schweizer (kollektiv orangotango)[3]

RESUMO: A percepção das águas a partir da crítica feminista nos leva a pensar recursos de produção cartográfica na experiência interdisciplinar entre artes visuais e geografia. Com a pandemia de Covid-19, uma nova percepção sobre a circulação ressurge: em como as águas fluem e nos conectam à revelia do confinamento, ou sobre o quê podemos controlar. Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre coletividades humanas e mais-que-humanas e a produção da cartografia crítica tendo como momento inicial a realidade global da pandemia de COVID-19 e, em seguida, abordando percepções de anos posteriores. Partilhamos a invenção de uma metodologia ou de um modo de pensar a cartografia que chamamos de “hidrocartografia” a partir de uma ética das águas bem como da percepção de nossos corpos como “corpos de água” (Neimanis, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: Hidrocartografia. Águas. Metodologia. Artes visuais. Corpos de água

Hydrocartography - mapping with waters

ABSTRACT: the perception of waters from a feminist perspective conducted us to think about resources for cartographic production in the interdisciplinary experience between visual arts and geography. With the pandemic, a new perception of circulation has reemerged, in how waters flow and connect us regardless of confinement or what we can control. In this article, we present a reflection on human and more-than-human relations and the production from a critical cartography, taking off from the reality of the COVID-19 pandemic and following up sharing



upcoming perceptions. We share the invention of a methodology or a way of thinking about cartography that we call “hydrocartography,” based on an ethics of waters and on the perception of our bodies as “bodies of water” (Neimanis, 2013).

KEY WORDS: Hydrocartography. Waters. Methodology. Visual arts. Bodies of water.

“Nada no mundo
é tão macio, tão frágil, como a água;
nada mais pode desgastar
o duro, o forte,
e permanecer inalterado.
O suave supera o rígido,
O fraco supera o forte.
Todo mundo sabe,
mas ninguém faz uso.”

(Lao Tzu, 1998, p. 78)[4]

Desde 2020, em conversas públicas e oficinas de cartografia crítica (Schweizer & Barbosa, 2022) que realizamos em algumas escolas de arte, arquitetura e design, viemos discutindo e compartilhando práticas de produção cartográfica aguçando a percepção do que aprendemos com a autora Astrida Neimanis (2012) como “corpos de água”[5]. Incitados a entender nossa prática como cartógrafos críticos e experimentais - entre as artes visuais e a geografia -, começamos a conceber o que seria um “mapeamento *com* as águas”. Isto acontece acompanhado pelo diálogo em múltiplas escalas e, naquele momento, com as relações de interdependência intensificadas pela realidade pandêmica em diferentes formas e tensionamentos. Foi exatamente nesse contexto do estado de urgência compartilhado globalmente que sentimos uma particular proeminência nas palavras de Neimanis:

A água não só nos conecta, nos gesta, nos sustenta — mais do que isso, a água perturba as próprias categorias que fundamentam os domínios do



pensamento social, político, filosófico e ambiental, bem como os da teoria e prática feministas.” (Neimanis, 2012, p. 111) [6]

Naquele momento, nos pareceu crucial o mapeamento de nossas relações de interdependência humana e mais-que-humana - seja de modo instintivo ou prático. Assim, fizemo-nos cartógrafos-humanos recusando produzir mapas como objetos diferentes ou desafetados dos nossos corpos e, na perspectiva de um “hidrofeminismo”, nos tornamos *corpos de água* (Neimanis, 2012). Mesmo vivendo em continentes distantes, ou distanciados devido às medidas de segurança pandêmicas, na preparação das oficinas e a cada encontro podíamos perceber como somos movidos por correntes comuns. Situar-nos em relação às águas e performar um *mapeamento com as águas* foi aos poucos sendo percebido como tarefa urgente de modo a ajudar na visualização das relações e situacionalidades, tanto entre humanos quanto entre humanos e mais-que-humanos. Partilhávamos de uma percepção aguçada, não apenas pelos mapas críticos (e engajados), mas sobretudo daquele momento crítico da Humanidade, que nos movia em busca do levantamento de ferramentas comuns. Diante deste cenário, nos cabia dividir as ferramentas que fossem facilitadoras de mudanças sociais, ambientais, expressivas e subjetivas. Nossa reflexão levava em consideração, por exemplo, a circulação do próprio vírus da Covid-19, seu aparecimento em várias águas de esgoto ao redor do mundo, mesmo antes da doença ter sido manifestada em corpos humanos. [7]



Figura 1: Fragmento de um dos mapas do Atlas Universal, de Diogo Homem, onde se vê a região amazônica, provavelmente com a representação dos Solimões e Amazonas. 1561. Fonte: <https://www.moleiro.com/en/maps-atlases/universal-atlas/miniatura/61>



De modo a construir uma imagem paradigmática para “rebater” uma cartografia *com* e *das* águas, tomamos inicialmente a cartografia tradicional como *árida*. Digamos que um mapa-múndi escolar típico poderia ser descrito como a ciência de impor continentes e terrenos demarcados sobre os oceanos do mundo, tomados como vagos e irrelevantes. As águas, neste tipo de mapa, são representadas basicamente como obstáculos adversos ao movimento entre territórios sólidos relevantes - ou como meros vazios. As águas são, portanto, frequentemente invisibilizadas na cartografia tradicional, que parece estar obcecada pelo seco e estático, contrariamente à materialidade de rochas e metais. A cartografia árida tende a retratar a água como um elemento separado e cognoscível, encerrado em seus domínios legítimos — rios, lagos, oceanos — visualizados com elementos gráficos como pontos estáticos, linhas e superfícies demarcadas. E também há o fato material de que a água, por séculos, constituiu uma grande ameaça para os mapas de papel, sua mera presença representando a ameaça de maceração e dissolução do produto “sacrossanto” da cartografia.

De repente, neste encontro que começamos a perceber entre mapas e águas, ou entre representações gráficas e papel, uma surpresa nos toma: durante uma viagem um mapa de Porto Alegre foi “molhado” acidentalmente com tinta azul. A cidade tomada pelas águas parecia anunciar um futuro por vir, que temíamos, e que poderia, de alguma forma, se apresentar. [8] Em mais um aspecto deste “encontro”, o azul reforçava com a representação convencional das águas na cartografia física, elemento que reapareceria em nossas oficinas nos anos subsequentes.



Figura 2: Mapa de Porto Alegre molhado acidentalmente com tinta azul em 2020, com pé de criança.
Fonte: Cristina T. Ribas

Com as palavras de Lao Tzu em mente – “tão suave, tão fraco, quanto a água; / nada mais pode desgastar / o duro, o forte” – por que não engajar essa “ameaça aquática”, a ameaça de transformação e de se tornar outro, integrando a própria materialidade da água como uma força estética? Esta compreensão compõe com o que estamos ensaiando chamar de “hidrocartografia”. Como Cecilia Chen, Janine MacLeod e Astrida Neimanis supõem: “Ao recorrer ao reservatório de incognoscibilidade carregado em todas as águas, podemos nos situar de maneiras que desafiam os preconceitos terrestres de fixidez” (Chen, MacLeod & Neimanis, 2013, p. 8) [9]. Engajar-se com a água, cartografar com ela, pode ser também aproximar-se de sua “lógica” (Neimanis, 2017) em como a vida flui através da água (e vice-versa), como nos relacionamos uns com os outros e na imprevisibilidade geradora deste encontro.

Assim é que propomos levar qualquer mapa para uma caminhada *ao lado, com e através* de corpos aquáticos, o que pode nos permitir experimentar o potencial libertador da hidrocartografia. A memória de nossos corpos suados, de chuvas repentinas, nossas filhas amantes da água, potenciais cúmplices nesse engajamento.

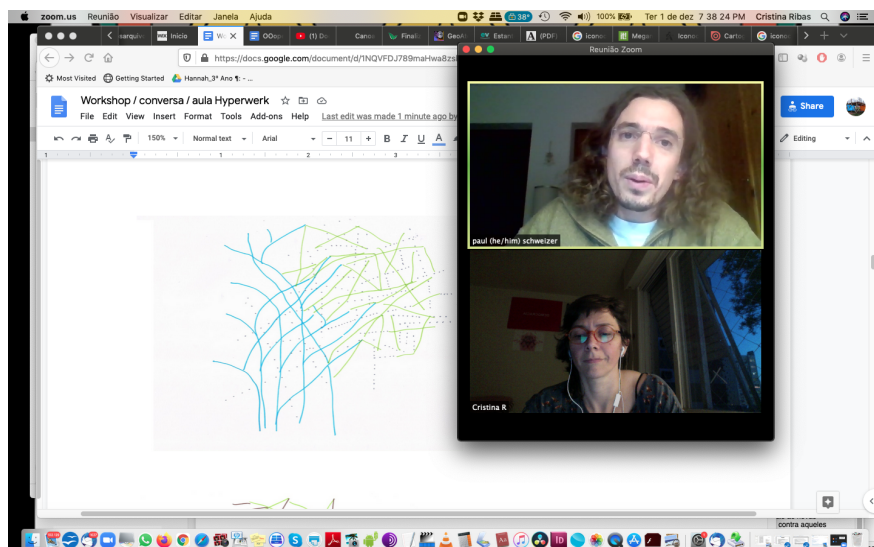


Figura 3: Preparação da oficina, reunião entre Cristina e Paul, decidindo as imagens e projetos que apresentariamos aos alunos no começo da oficina com a escola Konstfack (Estocolmo), 2021. Fonte: dos Autores

Somos parceiros de trabalho divididos-conectados entre a América Latina e a Europa, relacionados na nossa diferença e na maneira como situamos nossas práticas cartográficas-artísticas-militantes. No entanto, essa conexão, sentimos, não se realiza apenas entre indivíduos autônomos - visto que nos parece necessário recusar a abstração de que “pontos demarcados no espaço podem gerar” (formas tradicionais da cartografia). Nossas cartografias aquosas são compartilhadas com inúmeros outros, humanos e mais-que-humanos, o que nos leva a pensar na imagem de pontos múltiplos e agregados - em movimento, em contraposição à primeira imagem.

Mapear com (e a partir) da água pode, portanto, ser percebido como a tarefa urgente de visualizar relações. O “Mapa da vida Munduruku”, por exemplo, feito pelos indígenas Munduruku com a organização Greenpeace, nas regiões do alto e médio rio Tapajós, mapeia locais de convívio cotidiano, bem como locais sagrados ao redor do rio. [10] Ao mesmo tempo, o mapa nos faz visualizar a luta dos povos Munduruku contra a contaminação por mercúrio devido à mineração ilegal em seu território. O rio é central para a vida de muitas comunidades ao redor da área de Daje Kapap Eypi, terra indígena Sawré Muybu (Norte do Brasil), mas, infelizmente, 100% do povo Munduruku está, vivendo naquela região, contaminado por conta da poluição das águas - visto que os peixes são uma das principais fontes alimentícias deste povo. [11] Percebemos por aí uma



contradição inerente à água como matéria conectiva e portanto vital: ela também é um potencial portador de contaminação. A “aquosidade” dos corpos de água apresenta a penetrabilidade ou o contágio nessas passagens molhadas, de uma forma de vida para outra, para outras.

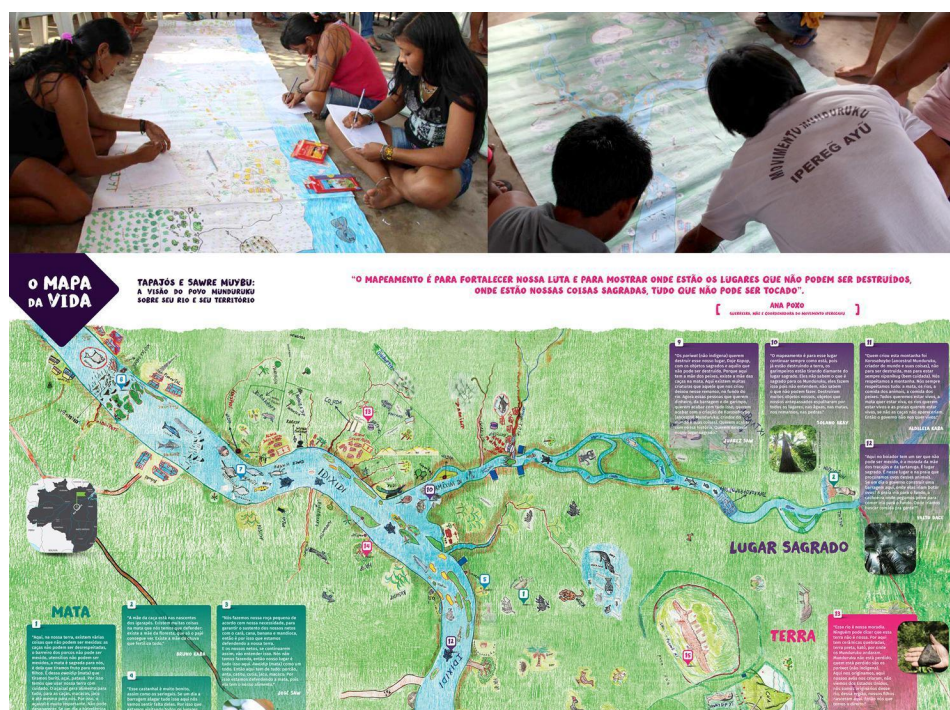


Figura 4: Processo de produção do Mapa da Vida Mundurukú. Fonte: Greenpeace, <https://www.greenpeace.org/brasil/publicacoes/o-mapa-da-vida-2/>

Como a percepção das águas pode mudar a forma como produzimos mapas? E como podemos assumir que as águas nos escapam, também em nossas estratégias de representação? Ao mapear “de dentro” e incorporar a sensibilidade de que os corpos constituem-se de água, a hidrocartografia não apenas recusa o reflexo cartográfico imperialista de expandir (e se apossar) o que é conhecido e representado no mapa. Ela também rejeita ambições de simplificar e diminuir o tópico representado para uma visualização tangível e inequívoca. Em busca de abrir mão de recursos que podem ser generificantes, como pontos e linhas claramente demarcados, contrastes fortes, superfícies perfeitamente coloridas, desafiamos nossos próprios métodos, e derivamos em busca de outras formas de cartografar. Há muitas maneiras de experimentar essa metodologia.



Na ação performática *Circulação da Caixa D'água* (2016) do Coletivo Líquida Ação, um coletivo de bailarinos e artistas do Rio de Janeiro [12], o grupo empurra grandes tanques de água vazios na pequena vila de Regência, uma das cidades afetadas pelo desastre da barragem de Mariana em Minas Gerais, Brasil. Um bailarino caminha dentro de uma das caixas d'água enquanto outros acompanham o trajeto desta caixa d'água que se mexe de maneira lenta e talvez misteriosa. Após o desastre do rompimento da Barragem, sob a gestão da empresa Samarco, a cidade de Regência passou a depender unicamente de água tratada fornecida por áreas localizadas a quilômetros de distância, visto que todas as águas dos arredores e dentro da cidade não eram mais potáveis. A performance do grupo reafirma um vazio - o lugar que deveria estar ocupado pela água. Cria gestos que não deixam rastros e convida a comunidade a olhar diferentemente para aquele momento paradoxal. Os corpos se movem buscando outras formas de expressão para pensar através e a partir das águas, uma estratégia que nos parece, de alguma maneira, hidrocartográfica.



Figura 5: Ação performática *Circulação da Caixa D'água* (2016) Coletivo Líquida Ação.

Fonte: Coletivo Líquida Ação <https://www.coletivoliquidaacao.com/>

Neimanis, quem nos “cartografa” como corpos de água, escreve em sua longa pesquisa que uma das “lógicas” da água é sua incognoscibilidade. O fato de que a água resiste a ser completamente conhecida ou “decifrada”. Uma recusa da água. Neimanis afirma, todavia:



Não estou interessada em uma incognoscibilidade que obscurece o conhecimento de um outro colonizado, ou de um feminino perigoso, mas sim uma incognoscibilidade que podemos aprender pensando com a diferença. [13] (Neimanis, 2017, p. 144)

Antes que o mapeamento (árido) comece, há o vazio não mapeado, uma página branca idealizada. O papel já contém uma memória da água, contudo. Por isto, empregar uma lógica ou *ética da água* [14] é ver que qualquer local que possamos estar mapeando está longe de ser vazio, claro, desprovido de influências. Mudar nossa visão do mapeamento topográfico ou geopolítico para uma percepção da água inclui uma reflexão emocional e subjetiva. Para nós, isto faz parte, intrinsecamente, de uma necessidade de repensar nossas práticas e a nós mesmos ou nós mesmas. Produzir uma cartografia crítica.

Em uma das oficinas que organizamos, numa das primeiras experiências, e com um grupo on-line, procuramos criar outras formas de mapeamento para literalmente saltarmos do papel e voltar para ele com “outros corpos”. Sentimos que as “caminhadas para dentro”, com função contemplativa e exercícios de improvisação, percepção e “mapeamento corporal” poderiam ajudar. Acompanhando-nos ao vivo pelas telas, começamos caminhando no espaço pequeno de nossas casas, depois andamos como quando estamos com pressa na rua, para agitar e energizar o corpo, e então nos sentamos com os olhos fechados ouvindo as instruções de uma “caminhada interna” do facilitador, em busca de despertar as percepções e memórias do corpo de encontros cartográficos (e com águas). Solicitamos aos participantes que produzissem imagens a partir de espaços de referência conhecidos — casas, ruas, distritos ou outros contextos. E, por fim, desenhamos com materiais aquosos as imagens que nos chegavam - ou emergiam.

Evidentemente, quando estabelecemos métodos não convencionais para produzir mapas, precisamos de muito mais tempo para construir juntos uma compreensão da(s) proposta(s). Suspender a automatização de ferramentas de representação, mesmo e sobretudo para quem está dotado de tal conhecimento (a capacidade ou o conforto de desenhar, a compreensão entre recursos de representação espacial e técnicas bidimensionais), não é tarefa fácil. E é aí mesmo que



situamos nossas “boas” perguntas. Que mapas podem surgir daí? E ainda, há necessidade de produzirmos mapas...?



Figura 6: Oficina de Hidrocartografia realizada no Instituto de Desenho Experimental e Culturas Midiáticas (IXDM), HGK Basel. 2021. Fonte: dos Autores.

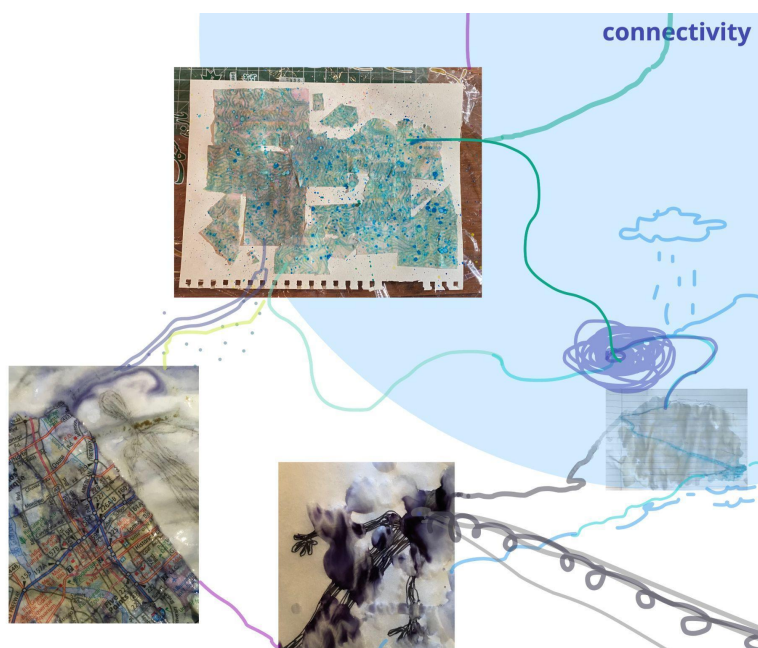




Figura 8: Oficina de Hidrocartografia apresentando um segundo estágio: as conexões encontradas/produzidas pelos alunos participantes, a partir do desenho de suas cartografias molhadas, 2021, HGK Basel. Fonte: dos Autores.

Ao ouvir profundamente durante os processos de mapeamento, percebemos que o ambiente dado — uma base cartográfica de alguma forma diferenciada e matematicamente medida — não é apenas *o onde*, mas também *o quê* e *como*. Com os olhos fechados, podemos imaginar o vazio do mapa como uma plenitude intangível esplendorosa: como múltiplas correntes interfusas, um oceano de plenitude, beleza e vitalidade “pluriversal” (Escobar, 2020). A hidrocartografia nos permite promulgar essa mudança radical de perspectiva. Ela implica o direito dos cartógrafos e usuários de mapas de se perderem no mapa, de errar e de derivar outros significados além daqueles representados na(s) camada(s) frontal(ais) do mapa.

A hidrocartografia não participa da partição, dicotomização e retórica beligerante dos mapas nacionais e administrativos. Não tem nenhuma utilidade para os propósitos dos estados ou proprietários de tornar a terra decifrável e, portanto, controlável. A linha divisória nítida como um elemento gráfico é estranha à hidrocartografia. O que eram fronteiras em mapas áridos (um choque de oposições binárias) só poderá ser zonas de confluência, mistura e fusão — sombras borradas, opacas, sobrepostas e rodopiantes que visualizam complexidade e multidimensionalidade, deixando espaço para entendimentos divergentes. Nós, nossos corpos, mentes e ações não estamos separados da água, estamos conectados a ela e por meio dela. Nós mesmos somos parte dela. Corpos molhados como pântanos — manchas borradas e esmaecidas. Observamos zonas se mesclando umas às outras, tal como sombras se sobrepõem e se fundem, e novos tons aparecem. Isso nos lembra a noção de “ch’ixi” conceituada por Silvia Rivera Cusicanqui (2018), boliviana-andina Abyayala. “Ch’ixi” é uma forma de pensar a coexistência das cores branca e preta, esse encontro criando uma espécie de padrão xadrez cinza. Cusicanqui se refere a identidades compostas por manchas contraditórias, de diferentes referências no tempo e no espaço, como parte de uma epistemologia indígena aimara, contra a homogeneidade.

Outra maneira de conceber zonas confluentes é por meio da noção de “ecótono”, mencionada por Neimanis. Nos estudos científicos da ecologia, um ecótono é uma região de transição entre duas



comunidades biológicas. As ecótonos entre dois habitats são geralmente mais ricas em espécies. A autora escreve:

Como áreas de transição entre dois ecossistemas adjacentes, mas diferentes, os ecótonos aparecem como mudanças graduais e demarcações abruptas. Mas mais do que apenas um marcador de separação ou mesmo um marcador de conexão (embora importantemente ambas as coisas), um ecótono também é uma zona de fecundidade, criatividade, transformação; de se tornar, reunir, multiplicar; de divergir, diferenciar, renunciar. Algo acontece. (Neimanis, 2012, p. 107)

Ao se comprometer com a criação de ecótonos — relações entre experiências (territoriais) diversas, identidades e imaginações —, a hidrocartografia precisa desenvolver novas expressões gráficas. Em nossas oficinas, e em práticas cartográficas livres, encorajamos fortemente a prefiguração e a experimentação com listras, confluências e membranas como elementos gráficos de mapeamento: múltiplos, coloridos, pontilhados, ondulados, irregulares, tortos, interconectados e entrelaçados. Assim como materiais para além do papel, com textura, com profundidade, com memória.

Foram realizados encontros auto-organizados e aulas para cursos de artes, design e arquitetura. Nestes encontros, partilhávamos das críticas à cartografia convencional e moderna e, situados na cartografia como método que provoca a localização, desenvolvíamos novas ferramentas que pudessem “embeber” a percepção objetiva da produção de mapas com uma metodologia que fosse capaz, por sua vez, de acolher novas percepções, composições, cosmologias. Em cada encontro, participantes eram encorajados a produzir a partir de sua própria localidade. Trabalhando ora em grupo grande, ora individualmente, as sessões privilegiavam a produção de narrativas singulares, compartilhadas então com os ministrantes e com o grupo maior. Uma lousa digital se fazia como espaço comum de expressão e anotação, funcionando também como uma memória dos encontros, momento a momento.

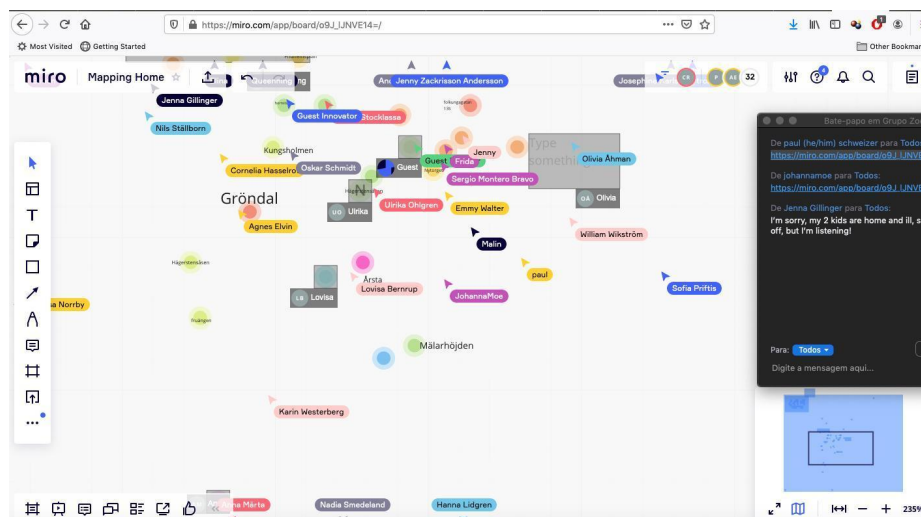


Figura 9: Oficina de Hidrocartografia realizada online com alunos da Konstfack, Estocolmo. No início da oficina os alunos são convidados a situarem-se na lousa, criando um mapa apenas a partir da localização em relação ao referencial espacial partilhado, 2021. Fonte: dos Autores.

Refletir sobre isto tudo em situação de oficina, nos levou a pensar na relação direta entre água e mapa em papel impresso. Propusemos que um pedaço de um mapa ficasse submerso no início do encontro e ao final fosse inspecionado, para perceber sua consistência. Perceber empiricamente a relação entre água e representação gráfica do território produz alterações nas possibilidades expressivas, e, evidentemente, pode alterar suas finalidades.

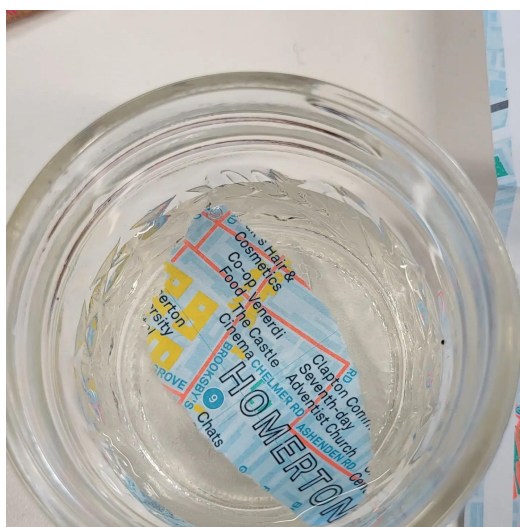


Figura 10: Pedaço de mapa de Londres, onde se lê "Homerton", submerso em água pelo período da aula ministrada por Cristina no Royal College of Art em 2023. Fonte: dos Autores.



Em outra oficina, uma participante criou um “mapa” de sua percepção afetiva da cidade de Estocolmo com a fralda dos filhos. Abdicando de um material mais convencional, o papel, ela decidiu trabalhar com cor e evidenciar a maleabilidade do pano, amarrando-o em algumas partes com pedaços de cobre. Tais experimentações influem em formas de pensar concepções de imagem, e aqui nos parece caber pensar formas de “figuração”.

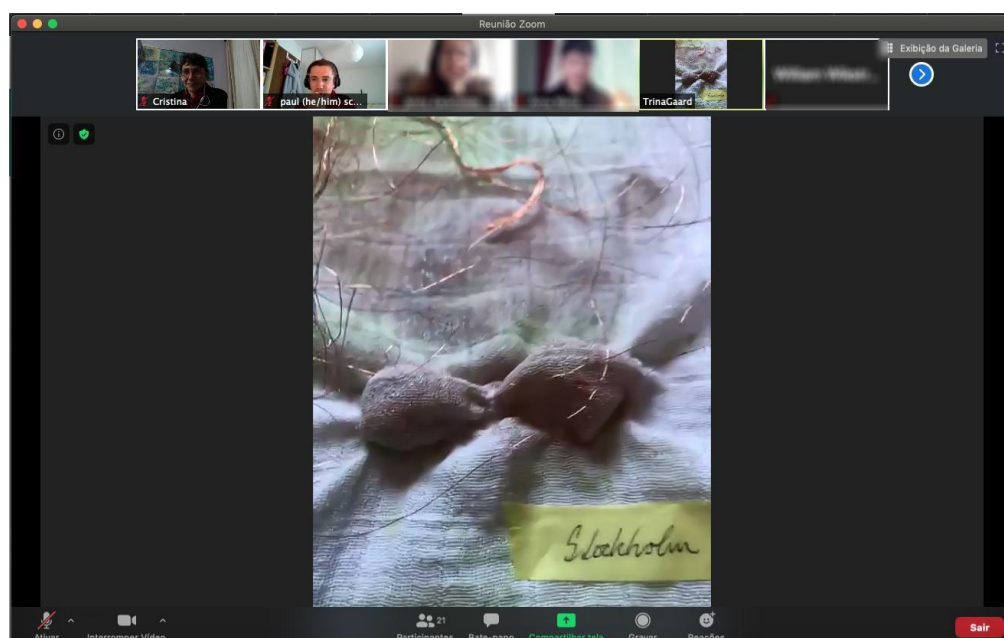


Figura 11: Oficina de Hidrocartografia realizada online com alunos da Konstfack, Estocolmo. A aluna apresenta a cartografia feita com tecido de algodão (das fraldas), tinta aquarela e fio de cobre. 2021. Fonte: dos Autores.

Abandonando novamente a “mesa do cartógrafo”, vamos dar um passeio na beira do rio. A figuração, como esboçada por Donna Haraway (2008), é um conceito que nos ajuda a compreender tais operações entre percepção, produção de mapas - e novas realidades relacionais. Ela escreve: “As figuras não são representações ou ilustrações didáticas, mas sim *nós* ou *nós* materiais-semióticos nos quais diversos corpos e significados se moldam mutuamente.” (2008, p. 4) O conceito de figuração desenhado por ela nos serve para compreender e imaginar a criação de objetos conceituais tais como este, de hidrocartografia, para dar conta de analisar as



transformações, as crises, as instabilidades (em meio à emergência climática, que mapas podemos produzir? ou ainda, precisaremos produzir?).

A figuração é o modo de teoria quando as retóricas mais "normais" da análise crítica sistemática parecem apenas repetir e sustentar nossa armadilha nas histórias dos distúrbios estabelecidos" (Haraway, 2004, p. 47) [14].

Caminhando nas margens do rio, podemos notar a delicada zona de diferença entre a água que flui e o solo em que pisamos. No entanto, nossos pés, empurrados para baixo pelo peso do nosso corpo aquoso, liquidam a zona de distinção. Enquanto o rio flui, levando nossos olhos a mergulhar no desenho de sua corrente, nossos pés carregam a lama, expondo a novidade desse contato. Estamos mapeando enquanto caminhamos. Estamos borrando a zona de contato que acabamos de conhecer. A margem do rio pode ser sólida, mas a qualquer momento, linda e assustadoramente, o banco do rio pode cair dentro do próprio rio — uma memória do Rio Amazonas que surge em um de nós, acompanhada pela memória da pele do ar quente e úmido, a memória dos ouvidos do murmúrio constante da poderosa torrente. O rio se transforma continuamente, compondo ecótonos. A interação com suas margens, o solo, as plantas que ali crescem, os animais que o habitam, o ar úmido que sopra, e nós; somos todos corpos d'água. Nenhuma linha impermeável divide por onde a mesma água flui. O mesmo é verdade mesmo para aqueles espaços nos quais a intervenção humana tem lutado por séculos para esconder e deslegitimar fluxos de água vivos; os rios tiveram seus cursos alterados. Mas, de repente, as escalas são invertidas. O que parecia controlado por máquinas, medições, previsões, números, torna-se um fluxo. As águas mostram sua força.

Com a atenção voltada para as águas, nos surpreenderam, evidentemente, as enchentes em diversos países no norte da Europa, assim como na Inglaterra no verão de 2021. A Alemanha foi o país mais afetado, com inundações em diversos rios, maior número de pessoas mortas e a destruição de milhares de propriedades. Os mapas dos solos encharcados e a previsão de quanto do solo da Alemanha está sob grande risco de inundação complexificam a percepção das águas de superfície em relação com as águas subterrâneas e - claro, com índices de precipitação. Tema que



não trabalharemos neste artigo. O evento apresenta a condição que a água passa a tomar no contexto da emergência climática, de recurso essencial para a vida, a ameaça... tema que elenca junto a qualidade da água para consumo humano bem como a contaminação das águas nos grandes desastres climáticos.



Figura 12: imagens de satélite da UE, 15 de julho de 2021, demonstrando áreas inundadas marcadas em vermelho nos Rios Meuse (Bélgica e Holanda), Reno (Alemanha) e Ruhr (Alemanha). As áreas inundadas se estendem além do campo desta imagem. Fonte: https://www.wikiwand.com/en/articles/2021_European_floods

Entender a nós mesmos *devindo* corpos d'água implica a aceitação esmagadora, mas bela, de que a água de nossos corpos é a mesma água que se forma e circula por outros corpos humanos e mais que humanos; o Oceano Atlântico na costa de Santa Catarina, as nuvens geladas do inverno alemão, a neve no pico do Monte Vesúvio... todas essas águas, apesar de seus variados estados físicos e qualidades, circulam literalmente dentro e entre corpos, em um fluxo planetário, através do espaço e do tempo. Nas palavras de Neimanis, estamos "engajados, incorporados, corporificados; [...] situados, implicados — no tempo, no espaço, em outros corpos de outros seres" (Neimanis, 2017, p. 145). Levar isto a sério necessariamente vem com um realinhamento radical da autoconcepção dos cartógrafos modernos. O olhar dos cartógrafos não pode mais aderir a uma perspectiva externa, de cima para baixo, de olho de pássaro — o olhar abstrato e totalizante



para o mundo como um objeto a ser governado. Pelo contrário, o projeto hidrocartográfico reconhece tanto a condição fluida do mundo quanto a/ cartógrafa/o se transformando *com* estes fluxos. Se as águas do mundo fluem através de nós, não seria então a única maneira imaginável (im)possível de mapear o mundo *fluir com* elas?

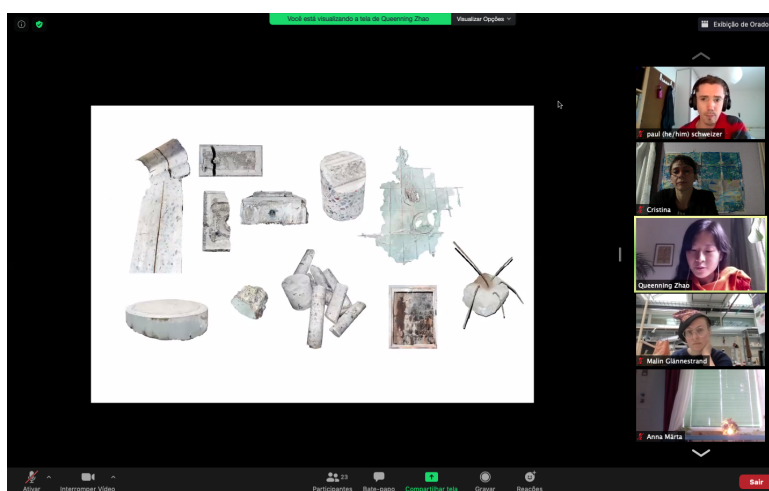


Figura 13: Oficina de Hidrocartografia realizada online com alunos da Konstfack, Estocolmo. A aluna apresenta elementos visuais de sua cartografia em processo feita com base no método da hidrocartografia. 2021. Fonte: dos autores.

Assim como encharcamos mapas áridos e seus elementos gráficos, nos comprometemos a molhar os próprios cartógrafos, o que quer dizer: rejeitar qualquer pretensão de uma visão distanciada e, em vez disso, aceitar que estamos nos transformando juntos, de modo inevitavelmente coletivo. Fazer hidrocartografia é fazer uma caminhada coletiva à beira do rio. É quando nem os mapas, nem nós mesmos, permanecem os mesmos, realizando um movimento aquático, fluindo com intuição, situado na infinitude. A hidrocartografia chama a nos engajarmos na “dança de encontros que molda o sujeito e o objeto”, segundo Donna Haraway (2008, p. 4), a flutuar pelos mapas dentro de nós e tornar-nos tons multicoloridos pingando, rolando - ou deslizando - pelo mapa.

Bibliografia



Chen, Cecilia; MacLeod, Janine & Neimanis, Astrida, “Toward a Hydrological Turn?” em: **Thinking with Water**. ed. Cecilia Chen, Janine MacLeod, e Astrida Neimanis. Montréal: McGill-Queen’s University Press, 2013.

ESCOBAR, Arturo. **Pluriversal Politics: The real and the possible**. Durham: Duke University Press, 2020.

Haraway, Donna J. **The Haraway Reader**. New York: Routledge, 2004.

Haraway, Donna J. **When Species Meet**, Posthumanities 3. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

Montgomery, Nick e Bergman, Carla, **Joyful Militancy: Building Resistance in Toxic Times**. Chico/CA: AK Press, 2017.

Neimanis, Astrida. “Hydrofeminism: Or, On Becoming a Body of Water”, em: **Undutiful Daughters: New directions in feminist thought and practice**. Ed. H. Gunkel et al., Breaking Feminist Waves. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

Neimanis, Astrida. **Bodies of Water: posthuman feminist phenomenology**. Environmental Cultures Series. London: Bloomsbury Academic, 2017.

Rivera Cusicanqui, Silvia. **Un mundo ch’ixi es posible**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

Ribas, Cristina T.; Schweizer, Paul, “Hydrocartography: mapping with waters”. Em: **C Magazine**. Toronto, Canadá, 2022 (p.18 - 22).

Schweizer, Paul; Barbosa, Orlando Coelho. ‘Descolonizando linguagens cartográficas – a construção de uma cartografia engajada’, In: **EccoS – Revista Científica**, n. 61, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.21857>.

Schweizer, Paul; Ribas, Cristina. “Idrocartografia. Forme Di Cammino in Paesaggi Acquatici”. Em: **Trame: Pratiche e Saperi per Un’ecologia Politica Situata**. Edited by Ecologie politiche del presente, Napoli: Tamu, p. 177–183, 2021.

Ribas, Cristina T. e Schweizer, Paul: Hydrokartographie - Wasser Körper Kartieren. Em: Institut Hyperwerk (Ed.). **Nothing happens in isolation**. Basel: FHNW, 2021b. p. 8–11.

Tzu, Lao e Le Guin, Ursula. **Tao te ching: a book about the way and the power of the way**. London: Shambhala, 1998.



Anjos, Anna Beatriz. Fonseca, Bruno Barros, Ciro; Cícero, José Oliveira, Rafael; Domenici, Thiago.

In: **Jornal Agência Pública**. Disponível em:

https://apublica.org/2020/02/a-mineracao-em-terra-indigena-com-nome-sobrenome-e-cnpi/?utm_source=facebook&utm_medium=post&utm_campaign=timineracao&utm_id=timineracao&fbclid=IwAR19XLXMKH_RNSdo_JcUuDdPwN_ywKf23CD9aSFF1xMxNzVstaLXYAIkSk0. Acesso em: 20 fev. 2020.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Este artigo é uma versão aumentada do artigo “Hydrocartography: mapping with waters” publicado em C Magazine (Ribas & Schweizer, 2022). O artigo foi adaptado para o formato acadêmico e aqui ampliado com estudos de caso que não foram publicados na primeira versão.

[2] Docente de Artes Visuais, UFSM. Email: cristina.ribas@ufsm.br

[3] Doutorando na Martin-Luther-University Halle-Wittenberg, em co-tutela com a UFRGS. Email: Paul.Schweizer@geo.uni-halle.de

[4] Tradução nossa da versão em inglês “Nothing in the world is as soft, as weak, as water; nothing else can wear away the hard, the strong, and remain unaltered. Soft overcomes hard, weak overcomes strong. Everybody knows it, nobody uses the knowledge.”

[5] A proposta de conhecer o conceito de “hidrofeminismo” veio da colega Laura Pregger do Instituto de Desenho Experimental e Culturas Midiáticas (IXDM), HGK Basel, e resultou na nossa contribuição “Hydrokartographie - Wasserkörper Kartieren” ([Schweizer und Ribas 2021](#)) publicado na publicação *Nothing happens in isolation*.

[6] Tradução nossa.

[7] A exemplo do que apresentam diversos estudos, inclusive Chavarria-Miró u. a., „Sentinel Surveillance of SARS-CoV-2 in Wastewater Anticipates the Occurrence of COVID-19 Cases“. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/2020.06.13.20129627> (13/06/2020).

[8] Em decorrência do aumento das chuvas, em razão da mudança climática, em Setembro e Novembro de 2023 acontece um primeiro episódio de aumento significativo do volume de diversas bacias hidrográficas no Rio Grande do Sul, que se repete de maneira ainda mais catastrófica em Maio de 2024, enchente que de fato leva ao alagamento de inúmeras áreas da região metropolitana de Porto Alegre.

[9] Tradução nossa.

[10] Para conhecer o mapa e o processo de criação acesse o artigo “O mapa da vida Munduruku”, em IHU Unisinos, 04/10/2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572290-o-mapa-da-vida> Acessado em 09/03/2024.

[11] “Os dados indicam que os processos de exploração mineral em TIs da Amazônia cresceram 91% desde o início do governo Bolsonaro. Esta foi a primeira vez, desde 2013, que os requerimentos registraram aumento – antes, eles vinham caindo ano após ano.” Fonte: “A mineração em terra indígena com nome, sobrenome e CNPJ”, 20/02/2020.



[12] Para conhecer o trabalho do grupo <<https://www.coletivoliquidaacao.com/acoesfoz>>. Acessado em 13/03/2024.

[13] Tradução nossa.

[14] Entendemos a ética com Montgomery e Bergman (2017) como uma “alternativa capacitadora à moralidade. A ética é um espaço que está além da moralidade e do relativismo do vale tudo. Essa concepção vai na contramão de muitas definições padrão de ética que basicamente a concebem como uma versão individual da moralidade (consumo ético, princípios éticos e outras regras para viver). Em vez de um conjunto fixo de princípios, a ética significa estar alinhado à complexidade do mundo e à nossa imersão nele. Significa trabalhar ativamente e reconfigurar relacionamentos, cultivar alguns laços e servir a outros, e descobrir como agir sem as regras fixas da ideologia ou da moralidade. Ela implica a capacidade de responsabilidade, não como dever fixo, mas como response-ability - a capacidade de responder a relacionamentos e encontros. Em comparação à moralidade, a ética implica mais fidelidade às nossas relações em seu imediatismo - a todas as forças que nos compõem e nos afetam - e não menos.” (p. 281)

[15] Tradução nossa.